NOITE DE SÃO LOURENÇO: A TANATOGRAFIA EM BERNARDO ÉLIS

ST. LAWRENCE NIGHT: THE TANATOGRAPHY IN BERNARDO ÉLIS

Maria de Fátima Oliveira[1]
Lucas Pedro do Nascimento[2]

RESUMO:
Esse artigo tem como objetivo analisar o conto do escritor goiano Bernardo Élis *Noite de São Lourenço* entrelaçando-o com a vida do santo espanhol que morreu martirizado em uma fogueira. O conto é ambientado no interior goiano, no qual é impossível associar os elementos naturais com as manifestações sagradas e místicas. Buscamos perceber em sua literalidade os aspectos da cultura da região, e como o escritor constrói o enredo que se desagua na trágica morte da personagem principal, semelhante ao que ocorreu ao santo em seu funesto destino. Ao utilizar como mote a feitura de uma colcha de retalhos e uma romaria que acontece no dia consagrado a São Lourenço, o autor vai desvelando de modo sutil as relações sociais, a rusticidade da vida interiorana, a religiosidade popular que permeia o cotidiano e se manifesta, por exemplo, meio das novenas e romarias.

Palavras chave: Bernardo Élis. Literatura goiana. Tanatografia. Religiosidade popular.

1 Introdução

> Nos altos da madrugada,
> quando o povo já voltava,
> só viro o fogo mais nada,
> era tudo uma fogueira,
> a casa inteira queimada,
> queimava a velha Isabela.
> (ELIS, 1985, p. 51).

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, ou simplesmente Bernardo Élis, seu nome literário, é um dos mais importantes escritores goianos, sendo o primeiro e único goiano a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Ele nasceu em Corumbá de Goiás (GO) aos 14 de novembro de 1915 e faleceu aos 82 anos, no dia 30 de novembro de 1997 em sua cidade natal. Bernardo Élis exerceu as profissões de advogado, professor, poeta, contista e romancista brasileiro. Recebeu vários prêmios literários, dentre eles o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu livro de contos *Caminhos e Descaminhos,* de 1965. Consagrado contista, sua obra integrou a clássica *Antologia do Conto Brasileiro Contemporâneo*, organizada por Alfredo Bosi. Em Goiás, presidiu a Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, na gestão do governador Maguito Vilela. Seu livro *Veranico de Janeiro* (1966) foi escolhido um dos 20 melhores livros goianos do século XX, recebendo o Prêmio José Lins do Rego e o Prêmio Jabuti. Bernardo Élis deixou uma rica literatura em forma

[1] Doutora em História (UFG), professora efetiva do curso de História da Universidade Estadual de Goiás, e-mail: proffatima@hotmail.com.
[2] Doutorando em Literatura (UnB), professor celetista do curso de Pedagogia da Faculdade Metropolitana de Goiás, e-mail: lucaspedronas@gmail.com.

de romance, poesia, contos e ensaios, além de outras produções esparsas como monografias e artigos. Importante lembrar que seu romance O Tronco[3] foi levado às telas do cinema.

A obra de Bernardo Élis de modo geral, e em particular o conto *Noite de São Lourenço*, possui peculiaridades que dizem muito sobre aspectos da cultura e cotidiano do período e região em que o autor viveu, ou seja, o Estado de Goiás, abarcando desde a República Velha ou República dos Coronéis (época da infância do autor), até a década de 1990. A escolha desse conto, dentre outros que contenham uma abordagem tanatográfica, mística e fantástica, se deve a riqueza de sentidos e interpretações que ele oferece para a composição de um panorama do imaginário goiano camponês no século XX e as narrativas de castigo dos santos. Para uma melhor compreensão, o artigo foi dividido em três partes: primeiro faz-se uma abordagem panorâmica sobre a vida e obra de São Lourenço para se entender a analogia com o conto *Noite de São Lourenço*; em seguida, por meio de uma pequena digressão sobre a tanatografia, aborda a temática na obra de Bernardo Élis; e por último, a partir de uma leitura atenta é feita a interpretação do conto *Noite de São Lourenço*, procedendo-se a uma análise esmiuçada dos aspectos intrínsecos da narrativa.

2 São Lourenço: uma vida de martírio

> Oração a São Lourenço
> Ó Deus, todo poderoso, que concedestes a São Lourenço a graça de vencer os tormentos da perseguição e do fogo abrasador, apagai em nossos corações as chamas dos nossos vícios. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. São Lourenço, rogai por nós. Amém! (PARÓQUIA SANT'ANA).

O dia 10 de agosto é dedicado a São Lourenço. São Lourenço é um santo espanhol, também conhecido como Lourenço de Huesta ou Valência (225-258), que morreu martirizado no dia 10 de agosto, em Roma. Está entre os diáconos do início da Igreja de Roma. Eles eram considerados os guardiões dos bens da Igreja e dispensadores de ajuda aos pobres**.** São Lourenço foi ajudante do Papa Sisto II e responsável por um centro dedicado aos pobres em meados do século III (CRUZ DA TERRA SANTA). A Roma cristã venera o santo espanhol com a mesma veneração e respeito com que honra seus primeiros Apóstolos. Depois de São Pedro e São Paulo, a festa de São Lourenço foi a maior da antiga liturgia romana, e o que foi Santo Estevão em Jerusalém, isso

[3] O Tronco é um filme de 1999 baseado no romance homônimo do escritor goiano Bernardo Élis, dirigido por João Batista de Andrade. É estrelado por Ângelo Antônio, Letícia Sabatella, Chico Diaz, Rolando Boldrin e Antônio Fagundes. Foi produzido por *Raiz Produções Cinematográficas*, com incentivo do Governo de Goiás. Foi filmado no município de Pirenópolis, mais especificamente na Fazenda Babilônia.

mesmo o foi São Lourenço em Roma. A noite com mais estrelas no céu é conhecida na Itália como a *Noite de São Lourenço*.

O padre e hagiógrafo João Batista Lehmann, em *Na luz perpétua* (1950), reconstrói minuciosamente a biografia do santo. O mártir, segundo ele, teria sido ordenado diácono pelo papa Santo Estevão e prestado o serviço de arcediago à Igreja de Roma, administrando seus bens e socorrendo seus pobres até a ocasião do martírio. Querido e respeitado, era visto pela comunidade católica como um religioso íntegro, caridoso e idôneo.

Ilustração 2- Imagem de São Lourenço.



Fonte: Cruz da Terra Santa

A vestimenta vermelha do santo simboliza o seu martírio na fogueira, do mesmo modo que a túnica branca (usada por baixo da veste vermelha) representa a pureza de seu coração. A palma e o livro em suas mãos significam respectivamente a vitória da vida sobre a morte e o evangelho.

Em 258, o imperador Valeriano intensificou a perseguição aos cristãos em Roma. Estrategista, procurou prender o pastor, dissipar, amedrontar e reprimir as ovelhas. Para tanto, prendeu o papa Sisto II e o levou a julgamento. O sumo pontífice, já idoso e debilitado fisicamente, não hesitou em "abraçar o martírio" e diferentemente do que imaginavam os romanos, não renunciou a fé católica. Lourenço, seu braço direito, acompanhou todo o processo, inclusive presenciou o suplício. Comovido e transtornado, teria afirmado:

> Meu pai, para onde ides sem vosso filho? Para onde, santo Bispo, sem vosso diácono? Jamais oferecestes o sacrifício, sem que eu vos acolitasse? Em que vos desagradei? Encontrastes em mim infidelidade? Examinai bem e vede se para a distribuição do Sangue de Jesus Cristo, escolhestes um servo indigno. O papa, comovido com estas

> palavras de verdadeira dedicação filial, respondeu: Não te abandono, meu filho! *Deus reservou-te provação maior e vitória mais brilhante*, pois és moço e forte ainda; velhice e fraqueza fazem com que tenham dó de mim; *daqui há três dias me seguirás* (LEHMANN, 1950, p. 150, grifos nossos).

De fato, como profetizou o papa, a provação de Lourenço foi maior. Três dias depois, o prefeito da cidade mandou prendê-lo e conduzi-lo ao tribunal. Os magistrados o interpelaram sobre a riqueza da Igreja e ele, sem nenhuma hesitação, alegremente, pediu o prazo de algumas horas para apresentá-la. Feliz e disposto, saiu pelas ruas de Roma convidando pobres, crianças, viúvas e órfãos a segui-lo. Diante das autoridades romanas, apresentou-os e disse "Eis a riqueza da Igreja". O prefeito, irado, ordenou que o prendessem e matassem da forma mais dolorosa possível.

As inúmeras pinturas que retratam o martírio de São Lourenço na fogueira são assustadoras, como esta do século XVII representada abaixo.

Ilustração 2. Martírio de São Lourenço



The Martyrdom of St. Lawrence – Ludovico Cardi II Cigoli 17 th century.
Fonte: São Lourenço, 2012.

Seu martírio foi literalmente *uma vitória mais brilhante* que a de Sisto. Os romanos ataram-no a uma grelha, colocaram-na sobre uma fogueira e o assaram. Segundo Lehmann (1950), enquanto o mártir tinha suas carnes assadas, brincava com os soldados: "Se quiserdes podereis dar ordem para que me virem, visto que deste lado já estou bastante assado" ou "se estiverdes servido, eis que minha carne está bem assada" (idem, p. 152)..

O dia 10 de agosto do ano de 258 marca o fim de seu martírio, ficando registrado como o dia de São Lourenço. Desde então, o santo é venerado com grandes pompas em todo o universo católico.

3 A escrita da morte na literatura bernadiana

A tanatografia é uma escrita de morte, e é um tipo de narrativa que está presente desde o início da literatura. A palavra tem sua origem no grego, *Thanatos* – que significa: morte; e *graphein* – que significa: escrita. As narrativas literárias desse gênero ocorrem de diferentes modos, tratando da morte em geral, ou em uma escrita que tem a narrativa na voz do próprio morto, os defuntos autorais. De qualquer modo,

> A morte de um personagem, ao final de um romance, sempre causa impacto no leitor. Um estado de luto se instaura e ficamos dias, meses, e até, quem sabe, a vida inteira recordando esse acontecimento. É uma experiência pela palavra. Escrever sobre tais situações lutuosas é responder a essa experiência da palavra e à vivência dessa ausência. Falta presentificada por um ser de papel. Letras que dão vida e matam (SILVA JUNIOR, p. 1, 2014).

E, nas mãos de Bernardo Élis, interpretam, registram, narram e entendem o morrer da "gente pobre". Um morrer trágico, vazio, marginal, supliciante. Uma sofrer e redimir equiparado ao dos mártires católicos. Esta preferência temática, discursiva e narrativa, é evidente em muitos de seus contos, dentre os quais se destacam: a) *A enxada* (ÉLIS, 1991), conto em que Bernardo Élis tratando da morte, denuncia a condição de trabalho desumana a que o homem rural do interior do país estava submetido. O protagonista Supriano ou simplesmente Piano, um "negro" "feio, sujo, maltrapilho, mas delicado e prestimoso como ele só", é explorado e ameaçado de morte por um poderoso do lugar; após passar por inúmeros, humilhantes e desumanos sofrimentos pela incansável e inglória busca por seu instrumento de trabalho, a enxada, finalmente morre, deixando a tarefa de plantio de arroz sem ser concluída, com "as mãos em sangue e lama (...) os pés em lama e respingos também vermelhos, seriam pingos de sangue? Enxada adonde?". b) *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* (ÉLIS, 1991), conto cujo enredo desvela o universo cotidiano e familiar de Nhola dos Anjos, "uma velha entrevada" que rastejava como uma "cadela"; o neto, "um biruzinho sempre perrengado" e o filho, Quelemente, um sertanejo com perspectivas e sonhos de uma melhoria de vida. Um dia, a cheia do rio Corumbá coloca a família em rota de fuga. Em determinada situação, Quelemente não vê outro meio de sobreviver e manter o filho vivo, senão lançando a própria mãe nas águas da enchente. O desfecho é dado com a tácita morte de ambos, mãe e filho; e c) o conto *Noite de São Lourenço, que* analogicamente compara a morte da pobre velha Isabela à morte do mártir São Lourenço.

Nesse sentido, o autor goiano, longe de querer conectar o mundo dos vivos ao mundo dos mortos, procura refletir sobre o contexto de transição da vida para a morte em contextos sociais miseráveis, degradantes ou violentos. Logo, essa narrativa tanatográfica, recordando narrativas orais sobre o morrer, o fenecer, relaciona fatos, causas, tragédias, prenúncios, sinais divinos, fenômenos sobrenaturais ou questões sociais à morte.

A morte, por sua vez, tácita, causa medo nas personagens e é prenunciada por manifestações sobrenaturais, excepcionalidades físico-biológicas – o subir de "um frio ruim no lombo", "um aperto no coração e uma tonteira enjoada"– ou fenômenos naturais – o quiriri das galinhas, o piar de outras aves. Concretizada, metaforicamente reflete a única garantia de liberdade que a vida dá aos mártires do autor. Se não há quem lhes faça justiça ou olhe por suas misérias em vida, a morte o faz, atenuando suas dores e recompensando seus sofrimentos com o merecido "descanso".

Os santos do catolicismo, de certo modo, também alteram o fluxo de vida das personagens por meio do castigo, como em *Noite de São Lourenço*, ou da redenção, como em *Quadra de São José* (ÉLIS, 1991). São eles, os santos, que regem o cosmos, determinam datas de plantio, as relações sociais e a própria vida. Assim, o narrador conecta vivos e mortos por meio da religiosidade popular, frisando que "os mortos estão mais próximos do que pensamos", especialmente na figura dos santos que foram pessoas um dia, como é o caso de São Lourenço. Portanto,

> Todos, nessas mortes literárias, em seus últimos instantes, heróicos, delirantes, abruptos e confessionais *pegaram nada, levantaram nada, cingiram nada*. E desse nada fez-se o todo de cada ser. Para aqueles que assistiram (ou leram) aos espetáculos restam *relatos*, *filosofias, teorias, tanatografia* (SILVA JUNIOR, p. 2, 2014).

Uma tanatografia de redenção e uma morte para a salvação, não da alma, mas dos sofrimentos do corpo e do peso da própria vida.

4 Em dia de São Lourenço, exige muita cautela...

O conto *Noite de São Lourenço,* de Bernardo Élis, além de se passar em um lugarejo do interior goiano e fazer analogia entre a morte de São Lourenço e a morte da personagem, a Velha Isabela, traz uma interessante reflexão sobre a religiosidade popular cerratense e a indissociável relação de fenômenos/elementos naturais a manifestações sagradas, mágicas ou místicas na mentalidade camponesa.

A narração da história da Velha Isabela é ambientada no presente que ressuscita lembranças do passado e recomposição de cenas, fatos e acontecimentos com uma moda de viola cantada na porta da igreja por um cantador famanaz, por nome "Chico da Gama, que faz ponto da banda da sombra, se a sombra estiver de cá ou se estiver da banda de lá. No geral, em roda dele junta muita gente, que ele é cantor muito recursado, cantando toada triste ou toada alegre, toada moderna ou de antigamente" (ÉLIS, 1985, p. 45).

Neste sentido, Bernardo Élis dialoga com o leitor "que está de saída para a romaria de Nossa Senhora da Abadia do Tabocal...", valida o "contado" com a figura do violeiro, diretamente ligado a protagonista, que teria sido sua tia ou mãe; alerta sobre a moda de viola inventada pelo

cantador para contar o "caso que assucedeu com a velha" e "para que o senhor não se atrapalhe" recita o primeiro verso da modinha, apresentada integralmente apenas no final do conto.

Antes de iniciar a contextualização, propriamente, da morte da velha Isabela e a analogia com o martírio de São Lourenço, o narrador frisa o prenúncio natural: o segundo "quiriri das galinhas no poleiro" e, assim, ambienta a cena no imaginário religioso popular goiano, visto que os camponeses àquele tempo acreditavam que algumas manifestações divinas, prenúncios, presságios e agouros eram sinalizados por fenômenos naturais ou animais, como o próprio autor registra em muitos de seus contos (ÉLIS, 1991).

Era noite de São Lourenço, "dia de dez de agosto/ dia de toda cotela. / não se pode fazer fogo, inda que seja de vela", pois foi "[...] nesse dia que morreu/a velha dona Isabela. Nesse trecho fica bastante evidente a analogia da *Noite de São Lourenço* como a noite da morte da *velha Isabela*. Assim, o autor vai entremeando os versos de Chico do Gama com a narrativa do fatídico acontecimento que vitimou a personagem.

No "oco da noite", ou seja, de madrugada, a velha Isabela ouviu um quiriri das galinhas, e sabia que esse era "diferente de todos quantos havia ouvido antes". A velha sabia que essa era uma noite diferente, pois as galinhas "balbuciavam seu trinado leve e fino, como se fosse a voz que elas usavam em antes de viverem no meio dos homens". Sequencialmente "trinava" uma, outra e o grupo todo. A velha, que estava costurando sua "eterna colcha de retalhos", ponderou o sinal como um mau agouro. "E naquela noite, só ela e Deus no velho casarão batido dos ventos noturnos de agosto, costurando sua eterna colcha de retalhos", decidiu que se o trinado se repetisse por uma terceira vez, antes da meia noite, sairia para o terreiro, espiaria a cumeeira da casa e veria o que as galinhas esconjuravam. "Justamente naquela noite de São Lourenço", em que se ventava demais e o capeta estava solto, colocando fogo nas coivaras, a velha refletia sobre sua vida e perdia-se em recordações, atordoada pelas lembranças das assustadoras histórias que ouvia quando "menina pequena".

A velha Isabela é uma protagonista marginalizada, uma escória, uma pária da sociedade goiana, como quase todos os protagonistas dos contos de Bernardo Élis. Certamente viúva, o que se deduz do fato de que naquela noite "os filhos e as filhas haviam ido todos para assistir à novena da igreja perto" e ela ficou sozinha em casa, "à luz do candeeiro de azeite, cosendo aquela cocha". O feitio da colcha lhe trazia inúmeras lembranças, pois a cada retalho sentia-se perdida em recordações de outros tempos: um retalho lhe fazia lembrar do "casamento de uma sua amiga", o retalho vermelho estampado, tecido utilizado para a confecção do "vestido de uma dona muito soberba que apareceu por ali e botou os homens de cabeça virada...".

E assim, a velha Isabela, desiludida e sofrida, com uma "vida de si tão pobre de sonhos"; filha rejeitada de um pai rico que morava naquela casona importante que lhe ficara como herança, pois ela mesma, quando "menina pequena", "morava nas casas dos fundos, no paiol, casa de monjolo, entrando uma vez ou outra na casona tão soberba"; idosa, camponesa, mulher e mãe, representa, no conto, todo um segmento social de pessoas marginalizadas, excluídas e silenciadas pela sociedade de então.

Com sua narrativa envolvente, Bernardo Élis conduz o leitor para um ambiente sombrio onde "O silêncio era redondo e profundo no lugarejo calmo e morto". E a *velha* sentia medo? Sim, pois desde menina ficava encabulada com as histórias que ouvia, mas o medo que sentia "era um medo esquisito, era um medo que atraia, como dizem que acontece com as águas das cachoeiras ou dos abismos profundos".

Em noite de São Lourenço não se podia acender fogo, entretanto, "a velha tem acesa sua lamparina de azeite que deita uma chama clara como as brasas que assaram o santo na grelha medonha, numa cidade medonha que se chamava Roma", e apesar do prenúncio de uma tragédia (o quiriri das galinhas), insiste em continuar costurando sua colcha de retalhos sob a luz da lamparina. Ignora a guarda de uma tradição (o respeito pelo dia santo), ignora o presságio das galinhas, ignora que "colcha de retalho a gente não deve nunca de acabar, porque no dia que a gente acaba uma colcha de retalhos, ela também acaba com a gente". Assim, ela encoraja-se a enfrentar o sobrenatural e concluir o trabalho que "chegava ao fim e ela arrematava a costura, no último demão". Isso feito se encheu de coragem, abriu a porta e foi para o terreiro no momento em que as galinhas faziam o quiriri pela terceira vez; "Mas na hora de olhar para riba da cumeeira, sentiu uma coisa ruim por dentro, um medo sem termo tomou conta de seu coração" e voltou para dentro da casa. Nesse ponto, a narrativa é quebrada pela fala do narrador que apresenta a moda de Chico da Gama, para findar a história:

A velha Isabela vevia
na casona dos Chaveiro,
casa de muita soberba,
que também era da velha
sendo ela da famia.

O povo de Isabela
foi rezar uma novena
em casa ficou só ela
sozinha que dava pena,
naquela casa soberba,

casa de porta e de empena.

Nos altos da madrugada,
quando o povo já voltava,
só viro o fogo mais nada,
era tudo uma fogueira,
a casa inteira queimada,
queimada a velha Isabela.

Que em dia de São Lourenço
exige muita cotela,
ninguém pode acender fogo,
inda que fogo de vela
assim findou a coitada,
coitadinha da Isabela.

No fio discursivo, a morte da velha Isabela, a idosa-símbolo, é analogicamente comparada à morte de São Lourenço, com uma única diferença: sua morte foi fruto da desobediência às tradições religiosas e não da obediência, a exemplo do mártir. Ciente de que "em dia de São Lourenço/ exige muita cotela,/ninguém pode acender fogo,/inda que fogo de vela", Isabela ousou acender a candeia de azeite e recordar involuntariamente o martírio do santo, que havia sido consumido em brasas ardentes naquele mesmo dia, séculos antes. Recordação imprópria e indevida faria, semelhantemente, caso fosse Semana Santa e realizasse atividades cotidianas que reativassem, reatualizassem ou intensificassem o suplício de Jesus, como lavar roupa no batedouro (especialmente na Sexta-feira Santa), varrer a casa, macerar grãos no monjolo, gritar, trajar-se com muita pompa etc. Na religiosidade popular, esses dias santos merecem muita "cautela", respeito e devoção, sendo que a proteção do santo era sempre invocada nos diversos ritos de passagens, conforme aponta Zaluar (1983, p.91):

> [...] no parto, no batismo, no casamento, na doença e na morte –, ocasiões em que a pessoa atravessava um período de transição de um estado socialmente definido para outro, durante o qual deixava de operar o controle da sociedade. Ao estabelecer essas fases 'liminares' como áreas sob o controle dos santos, tentava-se ordenar a experiência dentro delas.

Na zona rural do Estado de Goiás, nesse cenário social e histórico do conto, mesmo que a narrativa não tenha um friso temporal específico por, às vezes, beirar a atemporalidade, de fato alguns camponeses católicos regulavam suas vidas e práticas com base em dias santos: a) usavam o dia de tal santo como marco para ações e eventos futuros; faziam o plantio do arroz até o dia 13

de dezembro, dia de Santa Luzia, como registra o conto *A enxada*, do próprio Bernardo Élis; b) na madrugada do dia 24 de junho, festa de São João Batista, lavavam o rosto em água fria, disposta dentro de uma bacia; se vissem o reflexo da sombra, acreditavam que não morreriam naquele ano, em caso contrário, acreditavam que a morte era certa; c) queimavam as coivaras para o cultivo e preparo do solo até o dia 08 de setembro, festa de Nossa Senhora da Penha, tendo para isso inclusive uma trova "Dia 08 de setembro, dia da Senhora da Penha. Quem queimou, queimou. Quem não queimou lá sá venha"; d) semeavam alho na Sexta-feira Santa para que a colheita fosse proveitosa e rentável; e) assopravam arroz e abanavam café em agosto, mês de ventania, clamando por São Lourenço dizendo "São Lourenço solta vento". Logo, o conto em questão recorda a religiosidade popular campesina e discute a mentalidade dos camponeses sobre o universo religioso e sobrenatural que permeia suas práticas votivas.

O culto aos santos assume diversas formas e pode ser público ou doméstico. Como visto no conto analisado, o culto na noite de São Lourenço estava ocorrendo nas duas esferas distintas: enquanto a velha Isabela rezava sozinha em casa, sua família participava de uma romaria. É possível constatar na vida dos moradores dessa região interiorana e nesses cultos, a existência de crenças primitivas em forças desconhecidas, muitas vezes qualificadas como sobrenaturais, as quais permeavam a mente das pessoas e causavam medo e até terror, como é o caso ocorrido com a personagem Isabela.

É possível relacionar o medo da protagonista da *Noite de São Lourenço* com o que Bauman (2008) define como um "medo do inadministrável", que pode ser proveniente de qualquer situação, objeto ou criatura que não se possa controlar, ou seja, o medo desconhecido e sem motivo evidente; a ameaça pode estar em todo lugar, mas não é visível em parte alguma. O autor completa dizendo que "'Medo' é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance" (BAUMAN, 2008, p.8). E foi o que a velha Isabela tentou fazer: "Ela se encheu de coragem, abriu a porta, saiu no terreiro muito branco pela lua cheia [...] mas um medo sem termo tomou conta de seu coração [...] ela fechou os olhos com força e voltou para junto do anjinho [...]".

Assim, podemos afirmar que dois fatores temporais, estritamente cronológicos, somados às questões sobrenaturais, influenciaram a morte da velha Isabela: o dia de São Lourenço e o mês de agosto. Para os agentes das narrativas bernadianas e grande parte dos camponeses que viveram no contexto histórico em que as obras do autor foram produzidas, a vida humana era regulada pelo cosmos e pela natureza, por sua vez regida por Deus e os santos, ou vice-versa. Destarte, agosto, *mês do desgosto*, mês em que não se casa, não se muda de casa, não se faz negócio bom, mês do cachorro louco, mês de tragédia, somado ao dia de São Lourenço, dia em "que não é bom preceito

a gente acender nem uma vela", dia de ventania e dia em "que o capeta está solto, botando fogo nas coivaras", traçam o destino da velha que desafiou a temporalidade, a sacralidade, a cronologia e o cosmos.

5 Considerações Finais

A literatura de Bernardo Élis é, de modo geral, repleta de situações que retratam tanto a violência quanto a morte. Assim, sua obra possibilita apreender relevantes aspectos da vida social em Goiás, pois sua narrativa literária é comprometida com a realidade regional, na qual os indivíduos, ações e situações representam particularidades e especificidades de um tempo e um lugar que diz muito sobre a cultura goiana e características das comunidades interioranas.

No conto *Noite de São Lourenço,* o autor entrelaça a vida da personagem principal, uma senhora idosa, com a feitura de uma colcha de retalhos e o dia consagrado a São Lourenço, deixando evidentes as relações sociais, o cotidiano rural, a religiosidade popular e o misticismo com relação a dois infortúnios: finalizar uma colcha de retalhos e se arriscar em acender uma vela na noite de São Lourenço.

Para finalizar, fica o alerta: "Em dia de São Lourenço, ninguém pode fazer fogo, inda que seja de vela [...]" (ELIS, 1985, p. 51).

ABSTRACT:
This article aims to analyze the tale of the goiano writer Bernardo Élis *Noite de São Lourenço (Night of Saint Lawrence)*, interweaving it with the spanish saint's life, who died martyred in a bonfire. The tale is set inside Goiás, a place where it's impossible to disassociate the natural elements of the sacred and mystical manifestations. We search to note in its naturalness the aspects of the region's culture, and how the writer builds the plot, which flots into the tragic death of the main character, similar to what happened to the saint in his disastrous destiny. By using a patchwork and a pilgrimage that happens on the day dedicated to Saint Lawrence as a motto, Bernardo Élis subtly unveils the social relationships, the rusticity of the interior life, the popular religiosity that permeates daily life and manifests itself, for example, in the midst of novenas and pilgrimages.

Keywords: Bernardo Élis. Literature of Goiás. Tanatography.; Popular religiosity.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 2008.

CRUZ DA TERRA SANTA. Santos e ícones católicos. Disponível em: https://cruzterrasanta.com.br/institucional/quem-somos/. Acesso em 11/09/2019.
ÉLIS, Bernardo. 10 Contos Escolhidos de Bernardo Élis. Rio de Janeiro: Horizonte Editora/Instituto Nacional do Livro. 1985.

ÉLIS, Bernardo. Seleta. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LEHMANN, João Batista. Na luz perpétua. vol. 2. Minas Gerais: Livraria Editora Lar Católico, 1950.

PARÓQUIA SANT'ANA - Sousas. Campinas. S/d. Disponível em: http://santanasousas.com.br/sao-lourenco-padroeiro-dos-diaconos/. Acesso em 08/10/2019.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Tanatografia e morte literária: decomposições biográficas e reconstruções dialógicas. *Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. SBPC. Disponível em: http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=108&id=1282. Acesso em 07/10/2019.

SÃO LOURENÇO. Arte Sacra – Via Pulchritudinis para o infinito, 2012. Disponível em: http://tulacampos.blogspot.com/2012/08/sao-lourenco-saint-lawrence.html. Acesso em 07/10/2019.

ZALUAR, Alba. *Os homens de deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de janeiro: Zahar Editores, 1983.